

Modernidade e atraso, as duas faces do Brasil

25-11-90

12-10-91

LÉA CRISTINA E FÁTIMA CRISTINA

Qual das opções abaixo melhor define um país chamado Brasil?

a) aquele em que há super-safra prevista, festa pela entrada de capital estrangeiro e superávit de balanço comercial.

b) aquele em que o desemprego cresce, os salários seguem perdendo longe para a inflação e o número de cheques sem fundos aumenta, assim como a inadimplência em consórcios.

c) a e b estão certas.

Acertou quem optou pelo item c. Um caso de economia que vai bem, enquanto o povo vai mal, como afirmava o então presidente Médici, em pleno "milagre brasileiro"? Mais ou menos. Que a situação sócio-econômica da população vai mal, ninguém duvida. Mas acontece que alguns avanços na área externa vêm emprestando à atividade econômica uma melhor aparência. O resultado é que estas contradições ratificam a impressão de que dentro de apenas um, existem dois brasis — sem que seja necessário bater na tecla da eterna questão da disparidade sócio-econômica do país.

Os números confirmam. Enquanto empresários e economistas festejam a previsão de ingresso de capital estrangeiro em torno de US\$ 16 bilhões (contra US\$ 11,6 bilhões em 1991 e US\$ 6,8 bilhões em 1990), tudo indica que a taxa de desemprego de 1991, estimada em 4,8%, terá sido a maior dos últimos seis anos. Enquanto o acordo com o



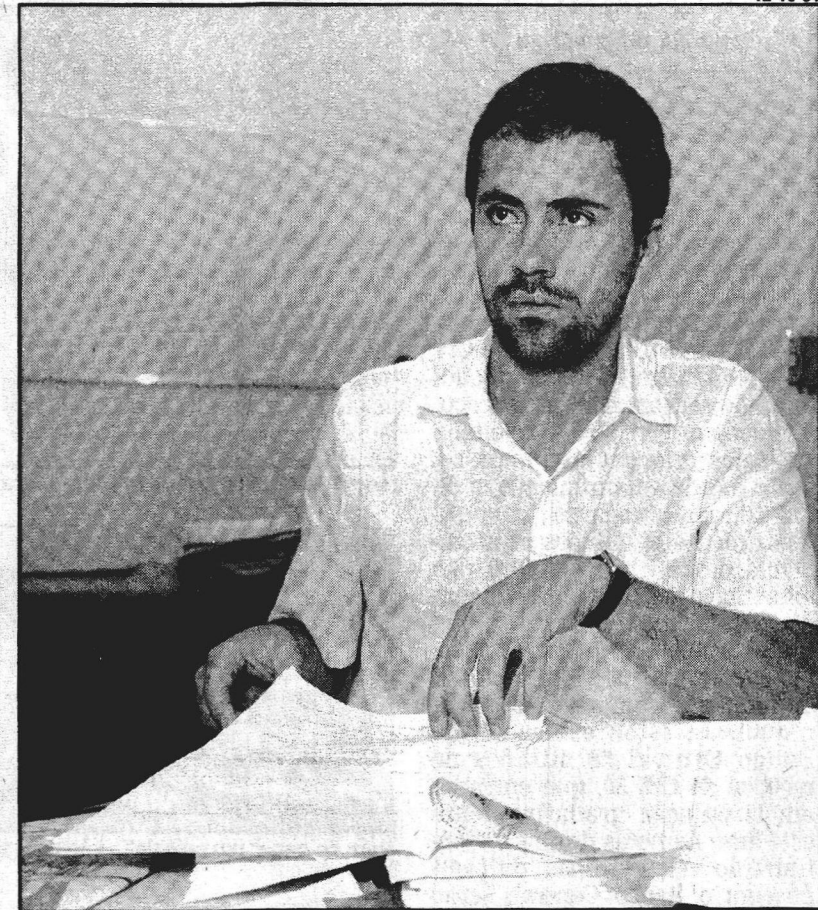
Ex-ministro do Planejamento Reis Velloso: o Brasil da crise convive com o Brasil da transição para o moderno

Fundo Monetário Internacional (FMI) melhora a imagem do país lá fora, servindo de ponto de partida para o Brasil fazer as pazes com a comunidade financeira internacional, muitas empresas não suportam a recessão e estão fechando as portas. O número de falências e concordatas

registrado no Estado do Rio aumentou de 679, em 1990, para 1.430 no ano passado. Em janeiro último já chegava a 142.

O ex-ministro do Planejamento João Paulo dos Reis Velloso, por exemplo, concorda com o raciocínio de que o país está dividido em dois. Para ele, estamos

diante de dois brasis: o da crise e um outro da transição para o moderno. O diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), Sérgio Mendonça, também acha que o país vive em dois planos bastante distintos: o dos trabalhadores (aos



Sérgio Mendonça, do Dieese: divisão é entre trabalhadores e empresários

quais não chega qualquer alento) e o que vem sendo formado a partir da visão empresarial.

Só que o país que está na transição para o moderno esbarra no crônico obstáculo da inflação. A aparente estabilidade não afasta o perigo de um retrocesso. As taxas já chegam a 26%, 27% em

janeiro, percentuais muito altos, que fazem com que toda a sociedade e também a imagem do país no exterior permaneçam na corda bamba. Afinal, foi devido a uma inflação de 20,95%, em janeiro de 1991, que o governo Collor tentou sua segunda cartada, editando o Plano Collor II.